

EDUCAÇÃO PARA O EMPREENDEDORISMO: ESTUDO EM UNIVERSIDADES FEDERAIS DE MATO GROSSO DO SUL

Roosiley dos Santos Souza¹

Amélia Silveira²

Hermani Magalhães Olivense do Carmo³

Resumo: Os preceitos de Bécharde e Grégorie (2005), Liñán (2007), e Fayolle e Gailly (2008) possibilitam analisar modelos e programas adotados no desenvolvimento da educação para o empreendedorismo. O objetivo foi analisar a educação para o empreendedorismo nos cursos de graduação em administração, nas universidades federais de Mato Grosso do Sul. A pesquisa foi descritiva, com método qualitativo, conduzido por meio de entrevistas semi-estruturadas com coordenadores e professores. A análise de conteúdo embasou os resultados, sendo adotado o *software* Iramuteq. Os resultados mostram que os cursos estimulam comportamentos e ações empreendedoras, por meio da inserção de metodologias diferenciadas no processo de ensino aprendizagem. O ensino por competências e a aprendizagem baseada em problemas foram evidenciados nas duas universidades pesquisadas. Há tendência para dinamismo nas ações empresariais. Houve, desta forma, coerência quanto às propostas de Fayolle e Gailly (2008), e de Liñán (2007).

Palavras-chave: Educação para o Empreendedorismo. Ensino Superior. Universidades Federais. Mato Grosso do Sul.

1 Introdução

O empreendedorismo é considerado como promotor da geração de novos conhecimentos, de novas tecnologias, tendo a capacidade de potencializar o papel dos empreendedores na sociedade como agentes de desenvolvimento, em seu contexto local e regional. Para Fayolle (2002) o empreendedorismo tem sido entendido como um processo complexo e multifacetado que reconhece as variáveis sociais (mobilidade social, cultura, sociedade), econômicas (incentivos de mercado, políticas públicas, capital de risco) e psicológicas como influenciadoras do ato de empreender. Assim, em diferentes áreas de abordagem, desde a sua

¹ Mestre em Administração. Doutoranda na Universidade Nove de Julho (UNINOVE). Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. roosiley@hotmail.com

² Doutora em Ciências da Comunicação. Professora da Universidade Nove de Julho (UNINOVE). ameliasilveira@gmail.com

³ Mestre em Administração. Doutorando na Universidade Nove de Julho (UNINOVE). Professor da Universidade Federal de Alagoas. hermani_record@hotmail.com

consolidação como campo de estudo, o empreendedorismo vem sendo evidenciado pelas novas demandas de mercado que exigem indivíduos, empresas, e regiões mais preparados para atuarem com práticas empreendedoras, sustentáveis, competitivas e inovadoras. O desafio, entretanto, é saber como promover as competências empreendedoras nos indivíduos para que possam atuar efetivamente, nesse cenário em que “ele” passa a ser o protagonista de atividades empreendedoras, individuais e coletivas.

Devido à relevância e ao crescente interesse pelo campo do empreendedorismo, associado ao desenvolvimento econômico, várias pesquisas foram realizadas e estão sendo desenvolvidas no mundo com o intuito de verificar o quão empreendedores estão sendo os indivíduos, e o reflexo “deste despertar”, na sociedade em que vivem. Nesse sentido, uma das questões que ainda persiste neste campo de estudo é compreender até que ponto o empreendedorismo pode ser ensinado, como deve ser ensinado e, até porque é ensinado.

Desta forma, o tema educação para o empreendedorismo tem sido objeto de investigação nas mais diversas esferas, e sob distintos enfoques e metodologias.

Na visão de Liñán, Rodrigues-Chard e Rueda-Contuche (2007), o poder da educação para o empreendedorismo tem sido considerado como um dos principais instrumentos para aumentar as atitudes empreendedoras de pessoas. Saeed et al. (2013) entenderem a existência da significância entre educação para o empreendedorismo e a intenção empreendedora como parte destes estudos. As limitações e as possibilidades de temas para pesquisas futuras, no nível nacional ou internacional, sobre a educação para o empreendedorismo e a intenção de empreender, bem como a relação entre os dois conceitos são inúmeras. Este assunto foi preconizado a mais de uma década, por Kuratko (2005). Este autor afirma que a educação para o empreendedorismo surgiu da intenção de empreender, em diferentes contextos educacionais, principalmente como rota para desenvolver uma cultura empresarial, para promover a empresa, para criar novos empreendimentos e para fomentar o espírito empreendedor através da educação e da aprendizagem. (KURATKO, 2005).

Cabe chamar atenção, neste ponto, que a educação para o empreendedorismo é tratada, na literatura, em todos os níveis de ensino – do básico ao superior, com o objetivo de auxiliar indivíduos a serem verdadeiros agentes de transformação do crescimento e desenvolvimento econômico, com o intuito de estabelecer uma cultura empreendedora nos países, entre países, regiões e locais.

Reportando aos principais estudos que possibilitam entender essa evolução da educação para o empreendedorismo, Katz (2003) apresentou uma cronologia do ensino do empreendedorismo, no período que se inicia em 1876 e vai até 1999, relatando o crescimento exponencial nas principais universidades do mundo, e demonstrando uma preocupação com relação à forma de educar para o empreendedorismo. De acordo com Ekpoh e Edet (2011) a maioria das universidades, ao redor do mundo, iniciaram programas de educação para o empreendedorismo com vistas à preparar graduados universitários com habilidades e competências necessárias para iniciar seus próprios negócios, tornando-os criadores de emprego, em vez de candidatos a um emprego.

Na literatura, os preceitos de Bécharde e Grégorie (2005), Liñán (2007), e Fayolle & Gailly (2008) possibilitam realizar a análise dos modelos e programas adotados no desenvolvimento da educação para o empreendedorismo, bem como identificar os estágios desta educação.

Com este entendimento, e tomando como base os trabalhos destes autores (BÉCHARD;

GRÉGORIE, 2005, LIÑÁN, 2007; FAYOLLE; GAILLY, 2008), esta pesquisa objetivou analisar como se dá a educação para o empreendedorismo nas universidades públicas federais no estado de Mato Grosso do Sul. Para tanto, considerou o entendimento dos coordenadores e professores dos cursos de administração da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

Para tanto, o artigo se inicia com esta introdução, sendo que na segunda parte se volta para a revisão da literatura sobre educação para o empreendedorismo. Continuando, no método de pesquisa ficam evidenciadas as metodologias, os delineamentos e as técnicas de pesquisa, bem como os quadros conceituais teóricos que possibilitam a análise dos programas educacionais objeto de estudo. Os resultados constituem a parte seguinte, onde figuram as análises dos dados coletados na pesquisa de campo. Finalizando, as conclusões sintetizam o encontrado, enquanto as referências do que foi citado amparam o texto.

2 Referencial Teórico

De acordo com Kuratko (2005) – a educação para o empreendedorismo surgiu em diferentes contextos educacionais, principalmente como rota para desenvolver uma cultura empresarial, para promover a empresa, para criar novos empreendimentos e para fomentar o espírito empreendedor, por meio da educação e da aprendizagem. (KURATKO, 2005).

Na Europa, um estudo recente foi publicado com o tema, denominado “*Entrepreneurship Education: A road to success*”, e elaborado pela Comissão Européia, em 2015. O estudo apresentou resultados da educação para o empreendedorismo e da sua capacidade de promover o comportamento empreendedor que auxilia na construção da cultura empreendedora, tendo identificado 91 estudos, desenvolvidos em 23 países pertencentes à Europa, ao Canadá e aos Estados Unidos da América, neste tema de estudo. De forma geral, a análise dos resultados mostrou que “Os alunos que participam em educação para o empreendedorismo são mais propensos a iniciar seu próprio negócio, sendo que suas empresas tendem a ser mais inovadoras e mais bem sucedidas do que aquelas que são conduzidas por pessoas sem educação para o empreendedorismo”. (EUROPEAN COMMISSION, 2015).

Nessa linha, o estudo denominado “Empreendedorismo nas Universidades Brasileiras”, que vem sendo desenvolvido no Brasil, sob a direção da área de pesquisa e políticas públicas da Endeavor, relatou que, em 2012, 54,8% dos universitários pesquisados pensavam em abrir um negócio. Esse número, em 2014, aumentou na nova pesquisa: 57,9% dos novos pesquisados podem ser considerados potenciais empreendedores. (BRASIL, ENDEAVOR, 2014).

Reafirmando essas estatísticas, os resultados do estudo *Global University Entrepreneurial Spirit Student's Survey* (GUESSS), constantes no relatório brasileiro (LIMA et al, 2014) revelaram que a amostra brasileira “[...] estando os percentuais de 2013-2014 próximos a 23% para o Brasil e para o estudo internacional.[...] quanto à intenção de carreira, o Brasil tem (7,9%) dos respondentes querendo fundar uma empresa assim que se formarem. (LIMA et al., 2014, p.20-42)

Convém salientar que o GUESSS é um estudo mundial e consolidado sobre o espírito empreendedor de estudantes universitários, e que vem apresentando resultados sobre a relação entre a educação superior e a intenção em empreender, de forma mundial.

Na literatura do tema educação para o empreendedorismo se pode perceber que, apesar das pesquisas existentes, Fayolle e Gailly (2013) defendem que existe a necessidade de avaliar completamente a eficácia de diferentes tipos de programas de empreendedorismo, seus principais componentes (conteúdo, design e entrega).

Em linha, Martin, McNally e Kay (2013) recomendam a realização de pesquisas que poderão analisar as diferenças de instrutores do curso, tais como a habilidade e/ou suas experiências, métodos de ensino empregados.

Da mesma forma, Küttima et al., (2014) alertam para a necessidade de realização de estudos sobre os métodos de ensino utilizados na educação para o empreendedorismo, e a visão dos alunos sobre se esse seria um meio eficaz para desenvolver esta área de estudo. Ou seja, o tema educação para o empreendedorismo deveria ser pesquisado sob várias vertentes.

Ben Nasrh e Boujelbene (2014) relata que durante os últimos anos, vários estudos têm sido desenvolvidos no campo da educação superior do empreendedorismo em todo o mundo, porém, ainda existem lacunas que permitam novas pesquisas e estudos neste campo.

De acordo com Bae et al. (2014), fruto do estudo de uma meta-avaliação sobre este tema, estes autores advertem que as pesquisas futuras poderiam investigar se os atributos de um instrutor, como paixão, entusiasmo, ou emoção poderia moderar o relacionamento entre educação para o empreendedorismo e as intenções empreendedoras.

Desta forma, avaliar a educação para o empreendedorismo nos cursos de administração das universidades públicas federais do Estado de Mato Grosso do Sul poderá contribuir para o tema, assim como para o aperfeiçoamento da educação ofertada nestas instituições de ensino superior.

2.1 Os Modelos Teóricos

Enfatizando a educação para o empreendedorismo, alguns estudiosos contribuíram com metodologias e quadros conceituais teóricos que possibilitam a análise de programas educacionais, buscando proporcionar a evolução no processo de ensino e aprendizagem. Dentre os estudiosos, destacam-se Bécharde e Grégoire (2005), Liñán (2007), e Fayolle e Gailly (2008), aplicado ao domínio da educação para o empreendedorismo.

Bécharde e Grégoire (2005) acreditam que o conceito de modelo de ensino no ensino superior deve ser analisado em nível ontológico e nível operacional. O nível ontológico integra três dimensões particulares: 1) paradigmas filosóficos; 2) bases teóricas; e 3) uma série de concepções que os educadores podem ter sobre a educação. As dimensões operacionais têm a ver com a forma e como as dimensões ontológicas acima são traduzidas ao nível dos atos de ensino [...]. Para tanto, o nível operacional integra quatro dimensões particulares: a) objetivos/metapas de ensino; b) conhecimento enfatizado; c) métodos pedagógicos e meios; e d) as formas de avaliação. (BÉCHARD; GRÉGOIRE, 2005).

De acordo com Naia (2013), a dimensão ontológica está relacionada com os conceitos e suposições dos educadores, enquanto que a dimensão operacional está relacionada com a escolaridade prática.

Para Fayolle e Gailly (2008), a educação para o empreendedorismo deve ter aprendido (macro / sociedade) e objetivos socioeconômicos (micro / indivíduo). Desta forma, Fayolle e Gailly (2008)

[...] entendem a educação para o empreendedorismo em sentido amplo, como

Organizadores:



ANEGEPE
Associação Nacional de Estudos
em Empreendedorismo e Gestão
de Pequenas Empresas

Realizadores:



qualquer programa pedagógico ou processo de educação para as atitudes e competências empresariais, que envolve o desenvolvimento de certas qualidades pessoais. [...] Esta definição abrange uma ampla variedade de situações, objetivos, métodos e abordagens de ensino. [...] *Para quem?* Destacam a necessidade de se adaptar às características (experiência empresarial anterior ao conhecimento, nível de envolvimento e compromisso no processo empreendedor). *Para que resulta?* Salienta a importância da avaliação de programas de ensino a partir de sua concepção, definição dos critérios de avaliação (conhecimentos, habilidades, intenção e motivação), bem como métodos de medição. *O quê?* Refere-se aos conteúdos de ensino. *Como?* Refere-se aos métodos de ensino. (FAYOLLE e GAILLY, 2008)

Tanto Bécharde e Grégoire (2005), como Fayolle e Gailly (2008) contribuem para a análise dos modelos e programas adotados no desenvolvimento da educação para o empreendedorismo. E, para uma análise do que realmente está sendo proporcionado aos estudantes em termos de educação para o empreendedorismo, Liñán (2007) apresenta uma contribuição no sentido de avaliar os estágios em que essa educação se desenvolve.

Desta forma, apresenta-se no quadro 1, a integração dos três modelos teóricos selecionados, permitindo a elaboração de uma matriz de análise da educação para o empreendedorismo, objeto deste estudo.

Autor	Ano	Campo Estudo	Unidade de Análise	Questões
Bécharde e Grégoire	2005	Gestão/Empreendedorismo	Modelos de Ensino	-Metas de Ensino -Conhecimento -Métodos Pedagógicos -Formas de Avaliação
Fayolle e Gailly	2008	Gestão/Empreendedorismo	Programas de Educação para o Empreendedorismo	-Porque? -Para quem? -Para que resulta? -O que? -Como?
Liñán	2007	Objetivos da Educação para o Empreendedorismo	Estágios da Educação para o Empreendedorismo	-EE Nível Consciência -EE Nível Startup -EE Continuada - para empresários - Educação para dinamismo Empresarial
DIMENSÕES DE ANÁLISES: INTEGRAÇÃO DOS MODELOS TEÓRICOS				
METAS DE ENSINO		POR QUE?		ESTÁGIOS DA EE
PROGRAMAS		PARA QUEM?		

Quadro 1 – Modelos Teóricos

Fonte: Adaptado a partir de Bécharde e Grégorie (2005); Liñán (2007) e Fayolle e Gailly (2008).

De forma sintética se pode afirmar, assim, que a proposta de Bécharde e Grégorie (2005) surge para elucidar como um modelo de ensino deve permitir investigar as metas desejadas, a forma como disponibiliza-se o conhecimento, os métodos pedagógicos empregados e suas formas de avaliações.

A vertente apresentada por Fayolle e Gailly (2008) centra-se nos programas propriamente ditos, em que os questionamentos que devem ser respondidos são direcionados para questões como: Porque? Para quem? Para que resulta? O que? Como?

Liñán (2007), por sua vez, se detem nos estágios em que ocorre a educação para o empreendedorismo, em que o primeiro estágio seria o da consciência sobre os efeitos da educação para o empreendedorismo; o segundo estágio seria no sentido de capacitar para criação de uma *Startup*, educação continuada para empresários, e, como último estágio possível, o de ter dinamismo nas ações empresariais.

3 Metodologia da Pesquisa

A pesquisa teórico-empírica, apresenta o delineamento qualitativo, de caráter descritivo. Conforme Bogdan e Biklen (1994, p. 47-51), a pesquisa configurada como qualitativa-descritiva apresenta as seguintes características:

- 1) “Na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal”;
- 2 “A investigação qualitativa é descritiva”;
- 3) “Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo que simplesmente pelos resultados ou produtos”;
- 4) “O significado é de importância vital na abordagem qualitativa”;
- 5) “Os investigadores qualitativos tendem a analisar os dados de forma indutiva”.

A pesquisa delineada descritiva, com método qualitativo, presume que o pesquisador mantém contato direto e prolongado com o ambiente e toda situação que envolve o contexto do estudo. (BOGDAN; BIKLEN, 1994). Para Vergara (2003, p. 47), “expõe características de determinada população ou de determinado fenômeno. Pode também estabelecer correlações entre variáveis e definir sua natureza. Não tem compromisso de explicar os fenômenos que descreve, embora sirva de base para tal explicação”.

Diante do exposto a pesquisa desenvolvida teve uma abordagem qualitativa, utilizando entrevistas semi-estruturadas e análise de conteúdo como técnicas de pesquisa, buscando conhecer a educação para o empreendedorismo ministrada nos cursos de administração nas Universidades do Estado de Mato Grosso do Sul, e a sua contribuição na formação de empreendedores.

De acordo com Bardin (2013, p. 45), a análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça. [...] é uma busca de outras realidades através das mensagens.

Para esta pesquisa, o universo ou população foi constituído pelos coordenadores de curso de graduação em Administração, assim como pelos professores da disciplina de empreendedorismo ou que lecionam disciplinas com enfoques transversais sobre empreendedorismo, nas duas universidades federais objeto de estudo, no Estado de Mato Grosso do Sul. A população é todo o grupo de pessoas sobre quem as informações são necessárias, podendo ser definida como o conjunto completo de elementos sobre os quais se

deseja fazer algumas intercessões (COOPER; SCHINDLER, 2003; MALHOTRA, 2001). Os elementos da população, também chamados sujeitos sociais da pesquisa, forma assim, coordenadores e professores envolvidos com a temática do empreendedorismo, na UFMS e na UFGD.

No caso da UFMS, esta é constituída por onze *campi*, e possui sete cursos de administração. A UFGD oferece um curso de administração.

De posse dessas informações, o próximo passo foi considerar os cursos que tiveram notas iguais ou superiores a 4, nos últimos Exames Nacionais de Desempenho dos Estudantes (ENADE), de 2009 e 2012. O Quadro 1 mostra o encontrado.

IES	Unidade	Nota ENADE 2009 (Censo 2013)	Nota ENADE 2012 (Censo 2013)
UFMS	Campo Grande	5	4
	Três Lagoas	4	5
UFGD	Dourados	-	4

Quadro 1 - Quadro com IES, Unidades e notas ENADE 2009/2012

Fonte: Dados da pesquisa, com base no censo 2013, disponibilizado no portal do MEC/INEP (2015).

Após a seleção dos cursos a serem analisados nestas duas universidades, procurou-se junto aos coordenadores dos cursos respectivos cursos o Projeto Pedagógico e o Plano de Ensino das Disciplinas oferecidas. E, assim, foi possível averiguar quais as que apresentavam conteúdo voltado para o ensino de empreendedorismo, ou algum conteúdo transversal sobre o assunto. O Quadro 2 mostra a distribuição de disciplinas encontradas com o conteúdo ou o enfoque voltado para o empreendedorismo, nas duas universidades.

IES	Unidades	Disciplinas	Nome da Disciplina	Carga Horária
UFMS	Campo Grande	Obrigatória	Introdução à Economia	68
	Três Lagoas	Obrigatória	Administração de Pequenas e Médias Empresas	68
UFGD	Dourados	Obrigatória	Comportamento Empreendedor	36

Quadro 2 – Universidade, Unidades, Disciplinas, Nome da disciplina e Carga horária

Fonte: Dados da pesquisa

Como se pode ver, somente três disciplinas, todas obrigatórias continham este conteúdo programático. As da UFMS, com maior carga de ensino, e em UFDG com a metade desta carga. Com este conhecimento, os coordenadores destes cursos e os professores que ministravam estas disciplinas foram contatados. Houve o imediato agendamento da entrevista com estes coordenadores do curso e com os professores da disciplinas. Ou seja, com três coordenadores e três professores. As entrevistas foram realizadas nos meses de novembro de 2014 e de abril de 2015, respeitando a disponibilidade dos sujeitos sociais da pesquisa. No total foram realizadas seis entrevistas.

O instrumento de coleta de dados utilizado nas entrevistas foi um roteiro de questões abertas, estruturadas, tendo como base os modelos teóricos de Bécharde e Grégorie (2005); Liñán (2007) e Fayolle e Gailly (2008). Complementando as entrevistas, os respondentes foram caracterizados em termos de formação profissional.

Realizadas as entrevistas, gravadas com a autorização dos respondentes, estas foram transcritas, sendo analisadas por meio da utilização do *software* de análise textual Iramuteq, versão 7.0. (Assim, tanto o texto que emergiu da transcrição das entrevistas foi inserido como um arquivo de dados no Iramuteq, obedecendo aos critérios de parametrização de caracteres solicitados. Nesta fase, a análise de conteúdo realizada por meio deste software, seguiu algumas das etapas sugeridas por Camargo e Justo (2013), na seguinte ordem: 1) Estatísticas textuais clássicas; 2) Classificação Hierárquica Descendente (CHD); 3) Nuvem de palavras.

4 Análise dos Resultados

De forma sintética, o Quadro 3 evidencia que os seis respondentes possuem cursos de mestrado e doutorado, possuindo qualificação para exercer a docência em universidades federais. Todos os respondentes possuem experiência de mercado anterior à carreira docente, na qualidade de consultor, executivo e/ou empresário. De acordo com Martin et al. (2013), a qualificação e a experiência dos docentes podem ser variáveis importantes capazes de influenciarem o comportamento empreendedor dos acadêmicos.

IES	Cidade	Respondente	Formação Profissional			
			Graduação	Especialização	Mestrado	Doutorado
UFMS	Campo Grande	E1	Economia e Administração	Metodologia do Ensino Superior	Economia	Meio Ambiente e desenvolvimento
	Três Lagoas	E2	Engenharia de Produção	Não	Engenharia de Produção	---
	Campo Grande	E3	Ciências Econômicas	MBA Gestão Estratégica da Agrobusiness	Economia	Educação
	Três Lagoas	E4	Economia e Administração	Não	Engenharia de Produção	Engenharia de Produção
UFGD	Dourados	E5	Administração	Não	Economia Rural	Economia Aplicada
	Dourados	E6	Economia	Administração Estratégia Empresarial - gerência avançada	Administração	Planejamento Energético

Quadro 3 – Características dos Coordenadores e Professores.

Fonte: Dados da pesquisa.

Partindo para a análise de conteúdo das entrevistas realizadas, os modelos propostos por Bécharde e Grégorie (2005), Liñán (2007) e Fayolle e Gailly (2008) serviram como referência, *a priori*, para o que aqui foi categorizado.

Os resultados se iniciam com as Estatísticas Textuais Clássicas, tendo sido analisados os textos transcritos das seis entrevistas realizadas, com a ocorrência de 3.525 palavras.

O Diagrama de Zipf, apresentado na Figura 1, mostra o comportamento das frequências das palavras do texto, indicando que os seis textos em análise se adequam à Lei de Zipf (CAMARGO; JUSTO, 2013). Desta forma foi possível representar por meio de gráfico o comportamento do tema.

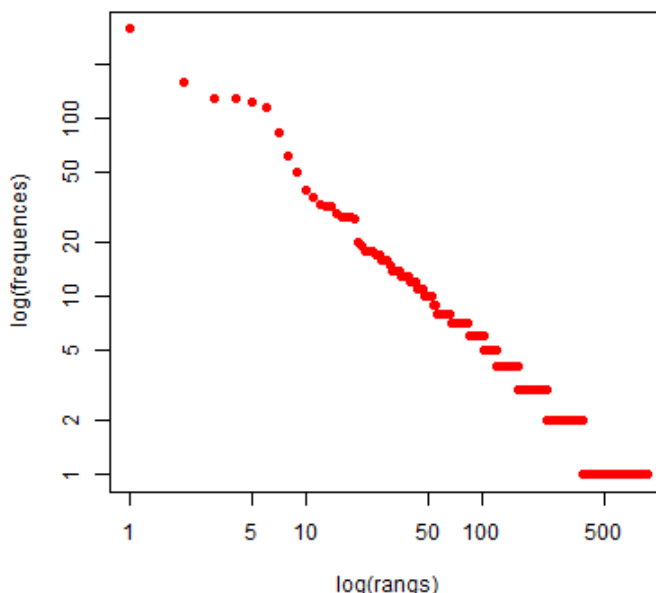


Figura 1 – Diagrama de Zipf

Fonte: Dados da pesquisa

A próxima figura2 apresenta uma classificação hierárquica das classes (categorias) e suas variações encontradas na referida pesquisa. A figura 3 se constitui em um Dendograma, gerado a partir do software adotado nesta pesquisa. Continuando com a análise, o processamento da Classificação Hierárquica Descendente (CHD) foi realizado. Nesta etapa, se evidenciou resultados que identificaram o conteúdo lexical das classes (categorias), melhor entendido com a visualização do Dendograma (Figura 2), gráfico que facilitou a visualização das classificações das entrevistas e suas conexões. Segundo Camargo e Justo (2013), as classificações são compostas de unidades de segmentos de texto com palavras semelhantes. As cinco classes encontradas foram tratadas conforme os modelos de Bécharde e Grégorie (2005), Liñán (2007) e Fayolle e Gailly (2008). Constam no quadro 4.

Se pode entender que a classe 5, com 22,5 % do encontrado, se destaca entre as demais. Esta classe se refere ao nível de estágio da educação para o empreendedorismo ministrada nos cursos de administração, nas universidades federais estudadas, e que permite a melhoria das capacidades dos empreendedores existentes (LIÑÁN, 2007). As palavras PREPARAR ACADÊMICO MERCADO CONINUAMENTE para INOVAÇÃO evidenciam o que foi proferido como entendimento por parte dos coordenadores e dos professores entrevistados. As classe 4 e 2, respectivamente, com 21.1%, cada uma, juntas representaram 42,2% de palavras representativas do conteúdo verbalizado pelos entrevistados. Estas fazem conexão entre o programa e o modelo de ensino adotado nas universidades. As palavras SABER

ADMINISTRAÇÃO sobressairam. Ou seja, foco no ensino de administração. A classe 3, com 18,3%, destacou para quem se destina o programa. Da SALA de AULA para a PEQUENO (empreendedor) e sua EMPRESA. A classe 1 trata do modelo de ensino, com relação às metas definidas. As palavras mais significativas espelham ENSINO FOCO EMPRESÁRIO. E, com menor ênfase, DEVER no SENTIDO de NEGÓCIO. Convém ressaltar que tais palavras representam o maior percentual de verbalizações dos coordenadores e dos professores, sujeitos sociais da pesquisa, na entrevista realizada.

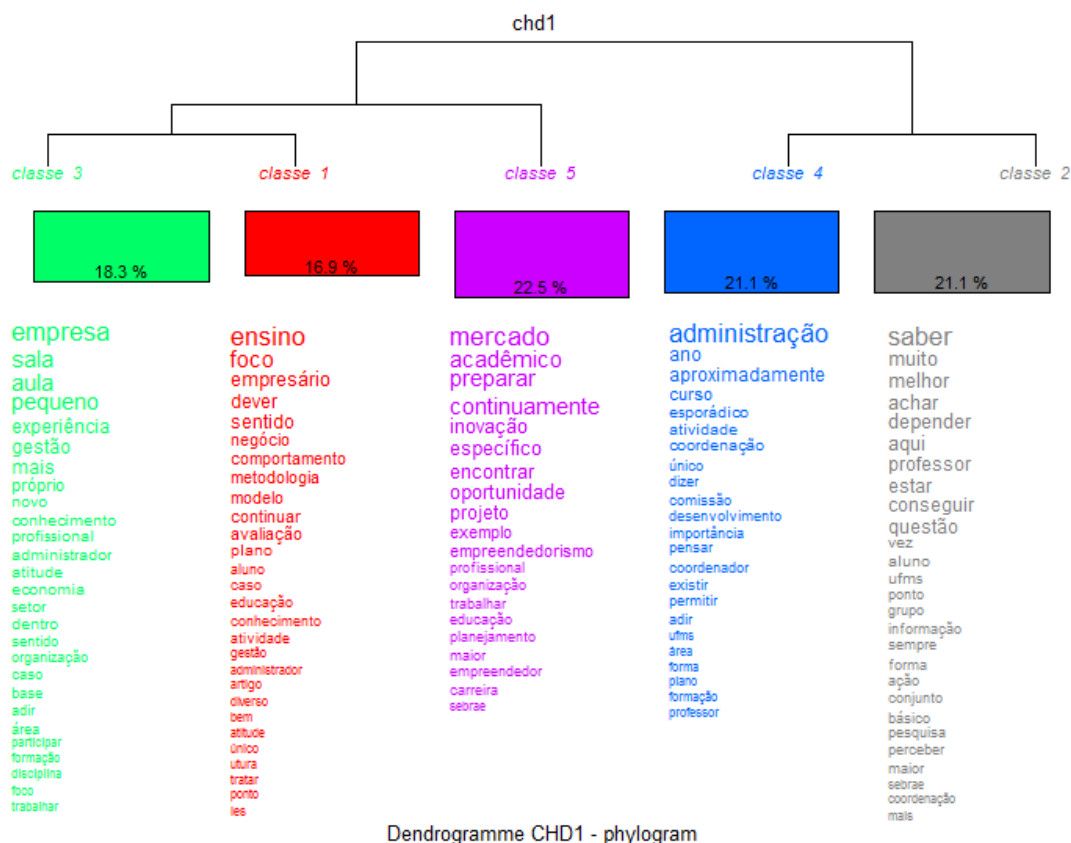


Figura 2 – Dendograma da CHD
Fonte: Dados da pesquisa

O quadro 4 sintetiza as classes, os percentuais, as unidades de análise consideradas, a categorização e o modelo a que pertence.

Classes	%	Unidade de Análise	Categorias	Modelos
Classe 1	16,9	Modelos de Ensino	Metas de Ensino	Bécharde e
Classe 2	21,1		Conhecimento	Grégorie
Classe 3	18,3	Programas de Educação para o Empreendedorismo	Quem	Fayolle e Gailly

Classe 4	21,1		Para que resulta	Fayolle e Gailly
Classe 5	22,5	Estágios da educação para o Empreendedorismo	Educação para o dinamismo empresarial	Liñán

Quadro 4 – Classes, Unidades de análise, Categorias, Modelos.

Fonte: Dados da pesquisa

Com base nestas evidências se pode entender que nas universidades federais pesquisadas, os cursos de administração se destacaram pela clareza das metas de ensino adotadas. E que estas metas devem ser trabalhadas e atingidas no transcorrer das disciplinas analisadas, bem como o tipo de conhecimento a ser transmitido e para quem. O modelo que domina nestas práticas de ensino estão alicerçadas no modelo preconizado por Fayolle e Gailly (2008), cujo foco é a gestão e o empreendedorismo. Significa ainda que os conteúdos do ensino de empreendedorismo estão sendo inseridos nestas três disciplinas obrigatórias, nos cursos estudados.

Ainda de acordo com as entrevistas realizadas foi possível apresentar alguns trechos das entrevistas que retratam os entendimentos dos coordenadores e dos professores respondentes desta pesquisa. O quadro 5 evidencia o que se quer ressaltar.

Modelos	Categorias	Trechos das Entrevistas	Unidades de Análise
Bécharde e Grégorie	Metas de Ensino	E1: “Ensino por competências” E2: “Metodologia PBL”	Modelos de Ensino
	Conhecimento	E1: “CHA (Conhecimentos, Habilidades e Atitudes)”	
Fayolle e Gailly	Quem	E3: “ Indivíduos que buscam conhecimento para melhor enfrentar a realidade do mundo dos negócios”.	Programas de Educação para o Empreendedorismo
	Para que resulta	E1: “Construção de carreiras e empresas diferenciadas”. E2: “Desenvolvimento de competências empreendedoras”. E4: “Competências empreendedoras”.	
Liñán	Educação para o dinamismo empresarial	E3: “Pelo menos entenda as oportunidades e riscos existentes no empreendedorismo, desde a proposta de um novo negócio até a consolidação e manutenção do negócio de forma saudável”.	Estágios da Educação para o Empreendedorismo

Quadro 5: Modelos, Categorias, Trechos de entrevistas, Unidades de análises.

Fonte: Dados da pesquisa

A Nuvem de Palavras, última etapa da análise textual, apresenta uma visualização das palavras que aparecem com maior frequência no conteúdo estudado. A Figura 4 apresenta a Nuvem de Palavras.

Esta figura mostra, no centro, em destaque, a palavra EMPREENDEDOR, seguida de DISCIPLINA, ALUNO e EMPRESA. A existência de uma disciplina que trabalha conteúdos voltados para o empreendedorismo, permite ao aluno conhecimento e estímulo empresarial. Se pode observar, por meio desta figura, que outras palavras emergem e se destacam, além das anteriormente citadas, como sendo: NEGÓCIO, SABER, CONHECIMENTO, TRABALHAR, EXPERIÊNCIA, PROJETO, PROFESSOR, EMPRESÁRIO, PROFISSIONAL, GESTÃO, entre outras. Todas relacionadas e em coerência com o assunto do ensino para o empreendedorismo, e com a verbalização dos três coordenadores e dos três professores que participaram desta pesquisa.



Figura 4 – Nuvem de Palavras

Fonte: Dados da pesquisa

5 Conclusão

Acreditando que a educação para o empreendedorismo é um imperativo que fará uma contribuição positiva para a melhoria da orientação empreendedora de pessoas, esta poderá levar à aquisição de habilidades, competências, criatividade, confiança, motivação e coragem, a fim de criar emprego para si e para os outros.

Da mesma forma, entende-se que a educação para o empreendedorismo se tornou um desafio econômico e social fundamental do ponto de vista dos governos que, por meio de políticas

públicas, buscam fomentar comportamentos empreendedores. De forma geral, principalmente as universidades federais, como instituições voltadas para a geração e a disseminação do conhecimento, têm a contribuir. Se torna lugar e palco para que o ensino voltado para que o empreendedorismo aconteça.

Na literatura, inúmeros estudos foram e estão sendo desenvolvidos no nível do ensino superior voltados para a busca do entendimento sobre a contribuição da educação empreendedora. O ensino superior, para muitos, sendo o momento em que o indivíduo opta por uma profissão, por uma carreira profissional, é adequado para a preparação do indivíduo para a ação de empreender no mercado. Estudos mostram que o ensino de empreendedorismo cria a consciência inspiradora para a oportunidade de negócio, oferece exposição ao processo de ação estratégica empreendedora, aumenta a autoconfiança e a autoeficácia, a intenção de empreender, e capacita os alunos com conhecimentos, competência e habilidades capazes de gerar o auto emprego, como opção de carreira.

A pesquisa realizada evidenciou que os seis respondentes, coordenadores de curso de graduação em administração e professores das disciplinas obrigatórias voltadas para o ensino de empreendedorismo, na UFMS e UFGD, tem direcionado as suas práticas de ensino para o empreendedorismo, onde administração predomina, como esperado, sendo ensinada ao longo do curso. Os respondentes se voltam para estimular comportamentos e ações empreendedoras, por meio da inserção de metodologias diferenciadas no processo de ensino aprendizagem. O ensino por competências e a aprendizagem baseada em problemas foram evidenciados como formas de articular o ensino para o empreendedorismo nas duas universidades pesquisadas. Assim, se pode entender que o empreendedorismo vem sendo incorporado na maneira de ensinar, ao longo do curso de graduação em administração, estimulando a aquisição de competências e habilidades empreendedoras.

Se pode concluir que as universidades federais UFMS e a UFGD, do Mato Grosso do Sul, se mostram inclinadas quanto à proposta de Fayolle e Gailly (2008), ou seja, o ensino para o empreendedorismo está fundamentado na administração e no empreendedorismo. A questão *Para quem?* Mostrou que existe adaptação do que está sendo ensinado nas três disciplinas analisadas às características (experiência anterior dos coordenadores e dos professores dos cursos de administração, tanto quanto à formação acadêmica, como a experiência anterior profissional. Estas são anteriores à transmissão do conhecimento em sala de aula, havendo envolvimento e compromisso no processo de ensino-aprendizagem como o foco no empreendedorismo. Por sua vez, a questão *Para que resulta?* está assegurada na avaliação do ensino-aprendizagem, conforme indicados no Projeto Pedagógico dos cursos e dos Planos de Ensino das disciplinas, em análise. Da mesma forma, a avaliação está configurada nos últimos resultados dos Exames Nacionais de Desempenho dos Estudantes (ENADE), de 2009 e 2012. Estes cursos de graduação em administração foram avaliados e obtivera, nota igual ou superior a mostrando a importância da avaliação destes programas de ensino a partir de sua concepção, definição, critérios de avaliação para conhecimentos, habilidades, intenção e motivação e os métodos de mensuração do conhecimento dos alunos. Na sequência, a questão *O quê?* considera os conteúdos programáticos de ensino das disciplinas analisadas. Estes se revelaram consistentes, do ponto de vista dos coordenadores e dos professores, evidenciando-se no Plano de Ensino das Disciplinas, e por meio dos métodos de avaliação deste conteúdo programático. Por último, a questão *Como?*, que se refere aos métodos de ensino, tendo

ficado evidente, que metodologias de ensino diferenciadas são adotados no processo de ensino aprendizagem. O ensino por competências foi ressaltado como importante, ao longo das entrevistas realizadas. A adoção de casos de ensino voltados para a solução de problemas foi revelado como uma das praticas metodológicas de ensino.

Existe ainda uma tendência para reforçar a educação para o empreendedorismo, conforme a proposta de Liñán (2007), nas duas universidades pesquisadas, e em seus cursos de graduação em administração. Estas instituições e seus cursos de administração se encontram no segundo estágio de ensino voltado para o empreendedorismo, por meio das disciplinas analisadas. E, sem dúvidas, se voltam para o último estágio, sendo o de ter dinamismo nas ações empresariais.

Referências

BAE, Tae et al. The Relationship between entrepreneurship education and entrepreneurial intentions: a meta-analytic review. **Entrepreneurship: Theory & Practice**. Special Issue: Evidence-Based Entrepreneurship. Volume 38, Issue 2, pages 217–254, March 2014. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/etap.12095/abstract>. Acesso em: 05 mai. 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2013.

BÉCHARD, Jean-Pierre; GRÉGOIRE, Denis. Entrepreneurship education research revisited: the case of higher education. **Academy of Management Learning & Education**, v. 4, n. 1, p. 22-43, 2005.

BEN NARS, K.; BOUJELBENE, Y.. Assessing the impact of entrepreneurship education. **Procedia - Social and Behavioral Sciences**, v.109, n. 8, p. 712-715, Jan. 2014. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1877042813051732>. Acesso em: 04 jun. 2014.

BOGDAN, R. ; BIKLEN, S.. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Ed., 1994.

BRASIL, ENDEAVOR. Empreendedorismo nas Universidades Brasileiras 2014_ Resultados longitudinais. Disponível em <https://endeavor.org.br/pesquisas/>. Acesso em: mar. 2015.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M.. **Tutorial para uso do software de análise textual Iramuteq**. Universidade Federal de Santa Catarina, 2013. Disponível em: <<http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/tutoriel-en-portugais>> Acesso em: 30 jul. 2015.

COOPER, D. R.; SCHINDLER, P. S. **Métodos de pesquisa em administração**. 3 ed. Porto Alegre: Bookman, 2003.

EKOPH, U., EDET, A. O. Entrepreneurship education and career intentions of tertiary education students in Akwa Ibom and Cross River States, Nigeria. **International Education Studies**.2011. Disponível em:

<http://www.ccsenet.org/journal/index.php/ies/article/view/9103>. Acesso em: 04 jun.2014.

EUROPEAN COMMISSION. **Entrepreneurship education: A road to success**. Bruxelles, 2015. Disponível em:

<http://ec.europa.eu/DocsRoom/documents/8565/attachments/1/translations/en/renditions/pdf>. Acesso em: 04 jun. 2015.

- FAYOLLE, Alain; GAILLY, Benoit. From craft to science: Teaching models and learning processes in entrepreneurship education. **Journal of European Industrial Training**, v. 32, n. 7, p. 569-593, 2008.
- FAYOLLE, Alain. Insights to research on the entrepreneurial process from a study on perceptions of entrepreneurship and entrepreneurs. **Journal of Enterprising Culture**, v. 10, n. 4, p. 257-285, Dec. 2002.
- KATZ, Jerome A. The chronology and intellectual trajectory of American entrepreneurship education: 1876-1999. **Journal of Business Venturing**, v. 18, p. 283-300, 2003.
- KURATKO, Donald F. The emergence of entrepreneurship education: Development, trends, and challenges. **Entrepreneurship: theory & practice**, v. 29, n. 5, p. 577-598, 2005.
- KÜTTIMA, M. et al. Entrepreneurship education at university level and students' entrepreneurial intentions. **Procedia - Social and Behavioral Sciences**, v. 110, p. 658 – 668, 2014.
- LIMA, E. et al. Educação superior em empreendedorismo e intenções empreendedoras dos estudantes – Relatório do Estudo GUESSS Brasil 2013-2014. Grupo APOE – Grupo de Estudo sobre Administração de Pequenas Organizações e Empreendedorismo, PPGA-UNINOVE. **Caderno de pesquisa**, n. 2014-03. São Paulo: Grupo APOE. 2014.
- LIÑÁN, Francisco. **The role of entrepreneurship education in the entrepreneurial process**. 2007. Disponível em: <<http://institucional.us.es/vie/documentos/resultados/Linan2007.pdf>>. Acesso em: 5 maio 2013.
- LIÑÁN, Francisco; RODRÍGUEZ-CO HARD ,Juan Carlos & RUEDA-CANTUCHE, José M. Factors affecting entrepreneurial intention levels: a role for education. **International Entrepreneurship Management Journal**, v. 7, p. 195–218, 2011. DOI 10.1007/s11365-010-0154-z.
- MALHOTRA, N. Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.
- MARTIN, Bruce C.; MCNALLY, Jeffrey J.; KAY, Michael J. Examining the formation of human capital in entrepreneurship: a meta-analysis of entrepreneurship education outcomes. **Journal of Business Venturing**, v. 28, 2013.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA (MEC). Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Inep. **Censo da Educação Superior – 2013** Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/apresentacao/2014/coletiva_censo_superior_2013.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2015.
- NAIA, A.M.P. **Entrepreneurship Education in Sport Sciences: Implications for Curriculum Development**. 2013. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) – Universidade de Lisboa – Faculdade de Motricidade Humana. Lisboa, Portugal, 2013.
- SAEED, S. et al. The role of perceived university supporting the formation of students' entrepreneurial intention. **Journal of Small Business Management**, 2013. DOI: 10.1111/jsbm.12090.
- VERGARA, Sylvia C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2003.